

A LUTA FEMINISTA E A BUSCA PELA IGUALDADE DE GÊNERO

A luta pela igualdade entre homens e mulheres não é recente. Porém, foi a partir do século XX que a militância feminista ganhou voz e teve seu ápice entre os anos 60 e 80, com o movimento de contracultura e as manifestações hippies. No Brasil, ela teve importante participação na luta contra o regime militar, ainda que na clandestinidade, e com o tempo, foi amadurecendo e se consolidando como importante força político-social.

Inicialmente, é preciso considerar que o mais importante no combate ao patriarcalismo é o empoderamento das mulheres e de todos os interessados na luta feminina contra a desigualdade de gênero. É essencial reconhecer que o machismo não desapareceu, apenas encontrou formas mais sutis de se manifestar e isso talvez seja o que o torna cada vez mais invisível e, portanto, difícil de combater.

A exploração do homem pelo homem começou com a exploração da mulher pelo homem. O machismo é a opressão mais antiga que conhecemos e, portanto, a mais arraigada. O patriarcado pode ser tido como uma das bases da nossa estrutura social e para quebrá-la será necessária uma revolução cultural, política, social, sexual e artística. E, se quisermos uma revolução em prol do fim da exploração da mulher, teremos que promover o protagonismo da mulher. Não podemos engatar mais uma revolução liderada por homens, afinal, eles já protagonizam tudo. A história é contada sob o ponto de vista dos homens, e não das mulheres.

O feminismo veio para empoderar o gênero feminino e colocá-lo no lugar líder da sua própria história. Porém, ao questionar a hegemonia masculina, o movimento feminista fez diversos inimigos. O que se pode perceber hoje é uma preocupante negativização do feminismo principalmente entre os jovens. A palavra recebe frequentemente conotações pejorativas e ofensivas. É um movimento social tido como arcaico, ultrapassado e inútil, como se já tivesse alcançado tudo aquilo que almejava.

É possível observar que essa percepção do feminismo como uma ideia ultrapassada se baseia, em parte, numa naturalização das conquistas feministas. O direito ao voto, à educação, ao divórcio igualitário e outros alvos das primeiras ondas feministas foram simplesmente esquecidos, como se fossem muito antigos. Sinto dizer que não. Apesar de ser o alvo de uma opressão histórica, a mulher só conseguiu ter voz há pouco tempo. A violência contra a mulher, por exemplo, só passou a ser considerada uma violação aos direitos humanos no final do século passado. Até hoje não existe licença paternidade significativa, comprovando o sexismo dos papéis sociais. O que os jovens precisam entender, especialmente as meninas, é que o patriarcado ainda vive, e infelizmente, com muita saúde.

A relação da sociedade com a mulher é muito peculiar e contraditória, pois “endeusa” a figura feminina em alguns aspectos, porém, ao mesmo tempo, inferioriza em muitos outros. Obviamente existe uma correlação entre esses dois tipos de tratamento que só faz confundir aqueles que começam a se questionar. O cavalheirismo é um bom exemplo. Esse conceito é camuflado pela ideia de proteção e de respeito às mulheres para reforçar a concepção da mulher fraca e supersensível.

Simone de Beauvoir, famosa filósofa feminista, afirmava que o homem é tido como ser humano; enquanto a mulher, como fêmea. E toda vez que aquela exige ser tratada como um ser humano é acusada de tentar ser um homem. Na primeira leitura, essa frase pode parecer absurda, todavia, se refletirmos um pouco, poderemos reconhecer a profunda verdade que há nela. As reivindicações femininas são, na maioria das vezes, desqualificadas e desvalorizadas, como se quiséssemos privilégios. É difícil reconhecer que somos uma minoria, mas é imprescindível. Não

somos uma minoria numérica, mas constituímos sim uma parcela com poder de voz menor dentro da sociedade. Tomemos como exemplo as comuns abordagens invasivas e desrespeitosas na rua, as ditas “cantadas”. Recentemente, foi feita uma pesquisa que demonstrou a insatisfação da maioria das mulheres com esse comportamento que é, quase exclusivamente, masculino. Muito pelo contrário: se sentem agredidas, ofendidas, com medo e acuadas. No entanto, toda tentativa do movimento feminista de problematizar essa situação é ignorada. Isso mostra que nem mesmo quando a questão diz respeito a como as mulheres (e somente elas) se sentem, nós somos ouvidas com seriedade.

Contudo, é claro, além das suas manifestações que às vezes são consideradas banais, o patriarcado mostra a sua face mais cruel em situações de gravidade ainda maior. As mulheres são a maioria das vítimas em crimes como injúria, difamação, ameaça, chantagem e logicamente, violência doméstica. No Brasil, uma mulher é violentada a cada 12 segundos. O parceiro ou marido é o responsável pela maioria dos casos de violência, o que mostra que a mulher é o alvo simplesmente pela sua condição feminina. A violência contra a mulher é uma epidemia no Brasil. Faz parte da cultura que foi construída sobre valores conservadores e machistas. Por isso, além de uma legislação rigorosa (e que se faça presente), é necessária uma mudança de mentalidade: a desconstrução da ideia da mulher como objeto de posse de algum homem, qualquer que seja ele.

Além disso, há as disparidades no mercado de trabalho: os salários desiguais, os assédios no ambiente profissional e a sub-representação feminina em cargos de decisão. O corpo da mulher ainda sofre uma sexualização exacerbada nas propagandas publicitárias, nos filmes, nas revistas e na televisão. A quantidade dos casos de violência sexual é assustadora. Em 2011, o ABC Paulista teve um estupro reportado por dia. Levando em consideração que nem todas as vítimas denunciam por diversos motivos, o quadro é ainda mais crítico.

É imprescindível lembrar, também, que há inúmeras opressões que potencializam o machismo e a misoginia, como o racismo, o classismo e a homofobia. Uma mulher negra, pobre e lésbica é um alvo ainda maior de preconceitos e estigmas. Portanto, é necessário que se discuta o machismo com todas as suas variações para que não haja exclusão do afro e transfeminismo, por exemplo.

Ressalte-se ainda que as instituições de ensino, principalmente de nível médio, têm o dever de estimular o engajamento dos alunos em movimentos e interesse pelas causas sociais. Promovendo a politização da juventude, incentivando a criação de clubes e sociedades dentro das escolas a fim de promover reflexões, debates e ações que contribuam para a formação de pessoas conscientes das mudanças que o mundo precisa sofrer e munidas de instrumentos intelectuais necessários para concretizar tais mudanças.

As escolas devem assumir o compromisso de desconstruir os papéis estereotipados de gênero, incentivar a participação feminina em programas e atividades tidas como tipicamente masculinas, promover aulas sobre os direitos das mulheres, quebrar estereótipos e estigmas presentes nos ambientes escolares, e estar preparadas para lidar de forma severa com relação a qualquer tipo de violência contra a mulher, seja ela físico, psicológico ou sexual. Os professores, apesar de tudo, ainda são formadores de opinião. Ainda são figuras de influência na vida de seus alunos sejam eles crianças ou adolescentes. Tendo consciência disso, os educadores devem ser mais cuidadosos com o que dizem no ambiente escolar para não reproduzirem preconceitos. Muitas vezes, em sala de aula, movimentos sociais são desvalorizados e desqualificados por professores conservadores e desinformados. O senso comum prevalece quando se fala de direitos das mulheres, marcha das vadias e marcha mundial das mulheres, demonstrando machismo e muitas vezes, misoginia.

Nas universidades, o ambiente propicia o desenvolvimento de coletivos sociais e

organizações não governamentais, porém, nas instituições de ensino médio, a liberdade é muito menor, pois apesar da capacidade criativa dos estudantes, o ambiente não é muito hospitaleiro. Entretanto todas essas questões têm que ser levantadas no âmbito escolar, como prioridade, pois são atuais e concretas e precisam ser problematizadas e lembradas com urgência, afinal, estamos falando de mulheres sendo agredidas, assediadas, e exploradas agora .